O ódio mora ao lado

Os noruegueses não imaginavam que um cidadão comum pudesse provocar um massacre. O assassino foi preso, mas suas ideias se espalham. Estará o Brasil imune?

Rodrigo Turrer e **Leopoldo Mateus**

O bairro do Estácio, no centro do Rio de Janeiro, é palco de um exercício semanal contra o ódio. Toda quarta-feira, religiosamente, judeus, luteranos, católicos, budistas, muçulmanos, umbandistas e pentecostais se encontram, às 16 horas, na sede da Congregação Umbandista do Brasil. Ali tentam encontrar juntos soluções para um problema comum a todas as crenças: a intolerância religiosa. A comissão, organizada pela sociedade civil, conta ainda com a participação de representantes do Ministério Público, do Judiciário e da Polícia Civil. Mais de 50 líderes externam preocupações que vão da destruição de templos à agressão física. Na pauta da última quarta-feira, um novo assunto: o massacre promovido por Anders Behring Breivik, o fundamentalista de extrema direita que matou 77 pessoas na Noruega, no último dia 22. "O que houve deve ser visto como um exemplo para nós", afirmou o babalorixá Ivanir dos Santos. "Os fatos não são isolados. O que aconteceu por lá pode ocorrer aqui." Exagero? Não para muitos que estudam a disseminação dos crimes de ódio e lutam contra ela, como o delegado Henrique Pessoa, titular da 4ª Delegacia de Polícia do Rio, designado para tratar de crimes de intolerância. "Fatos como os da Noruega nos preocupam bastante. Sabemos que há articulações em nível mundial. Embora pareça algo distante, pode estar muito mais perto do que imaginamos."

Atos de terror movidos pelos mais diversos tipos de ódio podem partir de onde menos se espera. Breivik era, aparentemente, um cidadão-modelo antes de promover um banho de sangue. Quem trabalhou e estudou com ele afirmava que se tratava de um "colega exemplar", um homem pacato e tímido. Até então sem ficha criminal, •

O carrasco e suas vítimas

Entre os 77 mortos por Anders Breivik, uma refugiada e um filho de imigrantes

Jamil Rafal Yasin
20 ANOS

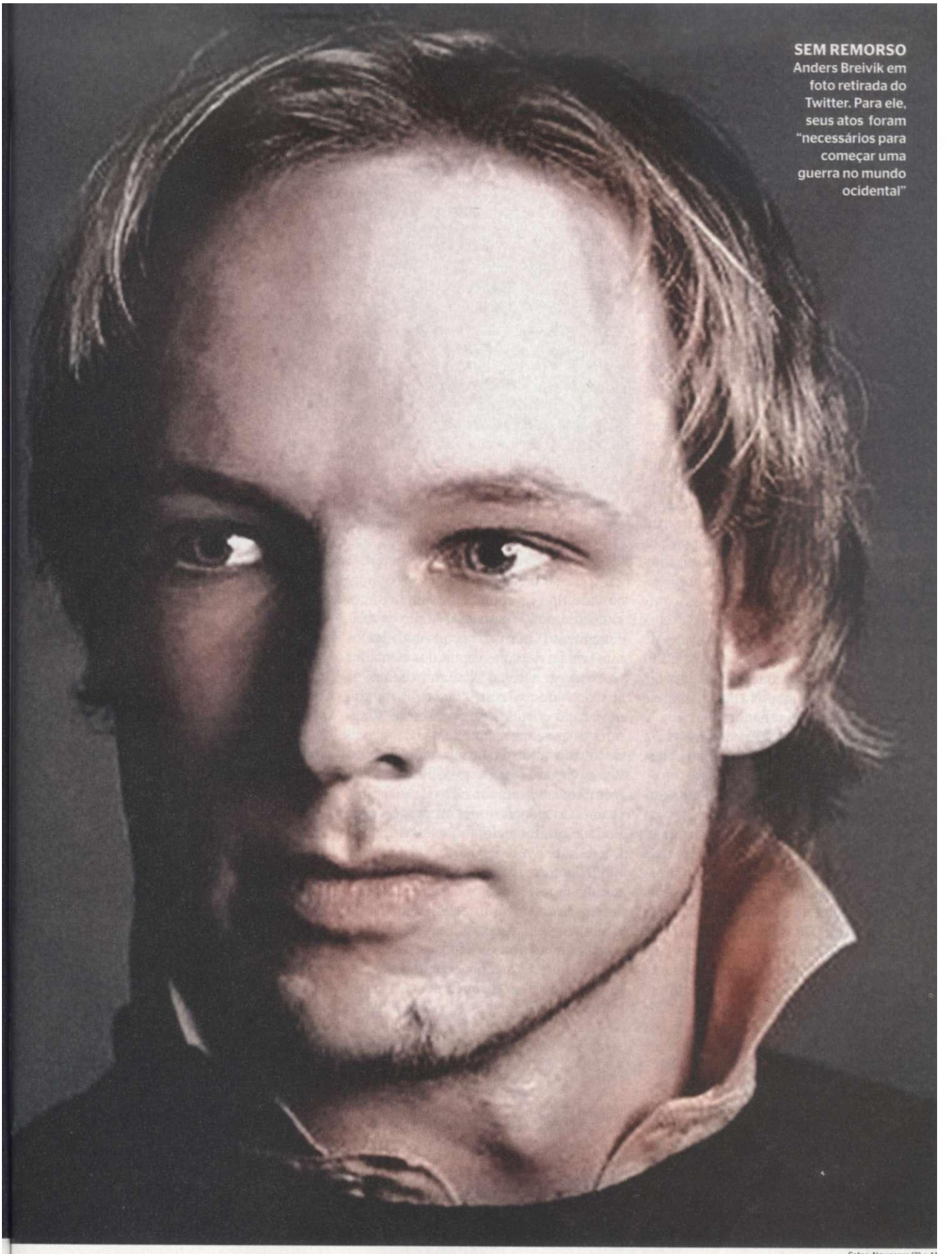
Jamil e os pais fugiram da guerra no Iraque e se instalaram na Noruega. O irmão dela, que também estava em Utoya, sobreviveu

Ismail Haji Ahmed
20 ANOS

Descendente de somalis, Ismail era um dançarino que participara do programa de TV Norway's got talent. *Ele se apresentaria em Utoya*

Hanne Kristine Fridtun
20 ANOS

A ativista do Partido Trabalhista se escondeu de Anders. Ela teria tentado fugir nadando. Seu corpo não foi encontrado



SEM REMORSO
Anders Breivik em foto retirada do Twitter. Para ele, seus atos foram "necessários para começar uma guerra no mundo ocidental"

Fotos: Newscom (3) e AF

a polícia se pergunta como deixou um criminoso em potencial escapar. Em março deste ano, seu nome apareceu em uma lista de 60 suspeitos que precisariam ser investigados pela Agência de Segurança da Polícia (PST, na sigla em inglês). Entrou na "lista de alerta" depois de comprar fertilizantes em uma empresa polonesa de produtos químicos - a substância teria sido usada na fabricação de bombas. A PST interrompeu sua investigação por imaginar que ele usaria o produto em sua fazenda. "Breivik viveu uma vida incrivelmente dentro da lei", afirmou a diretora da agência, Janne Kristiansen. O ex-cidadão-modelo agora está na cadeia e aguarda para 2012 o julgamento em que pode ser acusado de terrorismo ou crimes contra a humanidade.

Essa vida dentro da lei camuflou por nove anos o planejamento do massacre. Em um documento de 1.516 páginas que distribuiu a seus 7 mil contatos no Facebook, Breivik detalhou suas intenções e o método para executar seu plano. Em *2083: a European declaration ofindependence (2083: uma declaração europeia de independência),* conta que há três anos criou a falsa empresa agrícola Breivik Geofarm para poder comprar fertilizantes e fazer bombas. Entre empréstimos contraídos com nove cartões de crédito e economias pessoais, gastou € 310 mil para financiar sua loucura. A polícia diz que Breivik agiu sozinho. No documento ele se descreve como "um herói da Europa" e classificou seus crimes de "necessários para começar uma guerra" contra o "multiculturalismo" e a "islamização" europeia.

Como era de esperar em uma democracia civilizada e avançada, os atos bárbaros de Breivik despertaram nos noruegueses uma reação contrária à que ele desejava. Na segunda-feira 25 de julho, 150 mil pessoas tomaram as ruas de Oslo em uma passeata que ficou conhecida como A Marcha das Rosas. A multidão carregou milhares de flores e velas e as depositou em locais perto dos ataques, em memória das vítimas. "Esta noite, as ruas estão repletas de amor", disse o príncipe Haakon, da Noruega. Ele se pronunciou pouco antes de o primeiro-ministro norueguês, Jens Stoltenberg, declarar que "o mal pode matar uma pessoa, mas não pode matar um povo".

O apoio aos noruegueses veio de todas as partes, de personalidades, anônimos e governos. Perdidos entre as vozes solidárias, porém, surgiram políticos de extrema direita que defenderam as teses radicais de Breivik. "Algumas das ideias são boas. Fora a violência, algumas das ideias são ótimas", afirmou Mario Borghezio, deputado do Parlamento europeu filiado à Liga do Norte, partido de extrema direita italiano aliado do primeiro-ministro Silvio Berlusconi. Francesco Speroni, outro líder da Liga do Norte, defendeu tanto seu colega de partido como Breivik. "São ideias em defesa da civilização ocidental", afirmou. Na França, Jacques Coutela, membro da conservadora Frente Nacional, chamou Breivik de "um ícone" e "o maior defensor da Europa".

Apesar de absurdas para um mundo globalizado em pleno século XXI, as ideias que motivaram um assassinato em massa não apenas cruzaram as fronteiras da Noruega. Já chegaram ao Brasil. Em sites e blogs, há todo tipo de comentários intolerantes louvando os assassinatos. No site de relacionamento Orkut, duas comunidades foram criadas dois dias depois dos atentados na Noruega. Ambas chamam Breivik de "herói", "mestre" e até "sancto" *(sic).* Em um grupo criado para glorificar Wellington Menezes, que matou 12 crianças depois de invadir a escola Tasso da Silveira, em Realengo, na Zona Oeste do Rio, seus 271 membros lançaram um novo fórum de discussão. O título diz tudo: "Anders Behring Breivik muito melhor q o Wellington". Interessada em entender seus defensores, ÉPOCA criou um perfil fictício no Orkut, tornou-se parte da comunidade e negociou entrevistas com vários deles. Alguns aceitaram responder a perguntas por e-mail, e cada um enviou os dados pessoais que achou conveniente. Os depoimentos são impressionantes. "Os métodos de Anders são justificáveis. Eu faria o mesmo se tivesse

NEM TAO DISTANTE
Crianças rezam pelas vítimas do atirador Wellington Menezes, no Rio de Janeiro. A tragédia de Realengo mostrou que o Brasil não está livre dos crimes de ódio

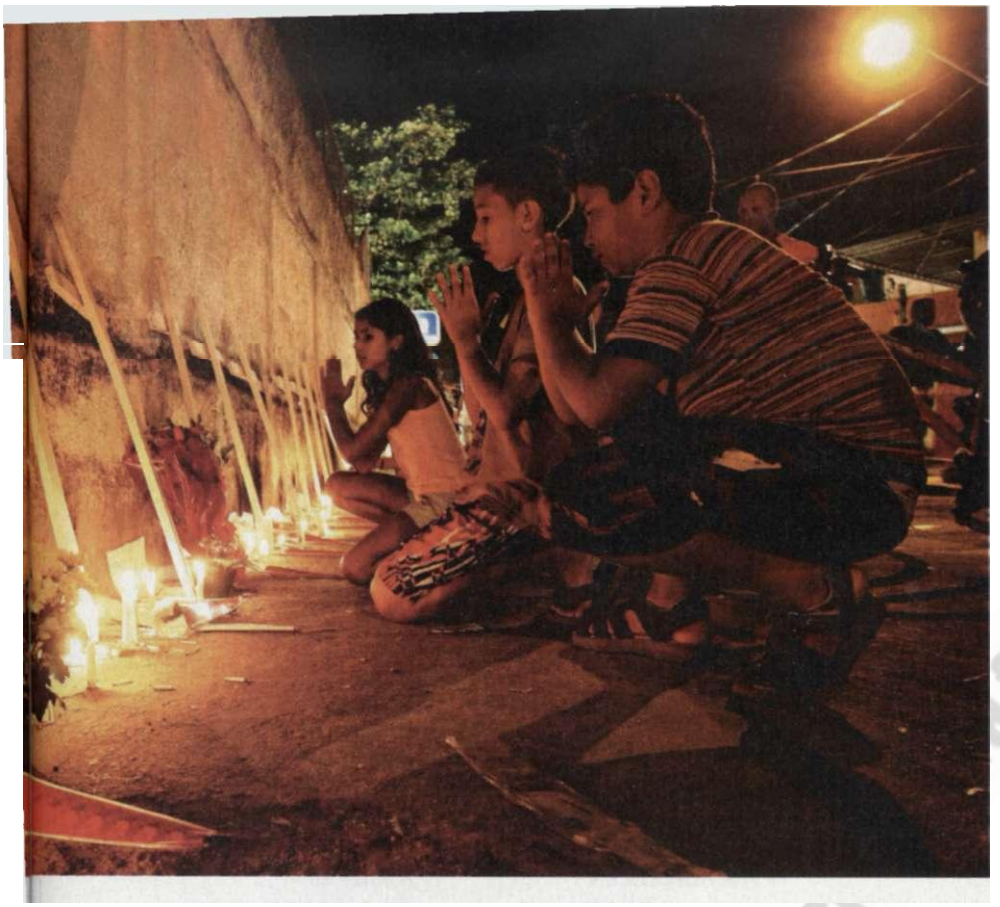
A escala dos intolerantes

Ameaças xenófobas e homofóbicas pela internet são as que mais crescem no Brasil

Em número de denúncias por ano

	Homofobia	Xenofobia	Neonazismo	Intolerância religiosa	Racismo
2006	1.869	938	3.652	2.434	3.397
2010	6.568	6.806	2.530	1.552	2.889

Fonte: Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, da ONG SaferNet

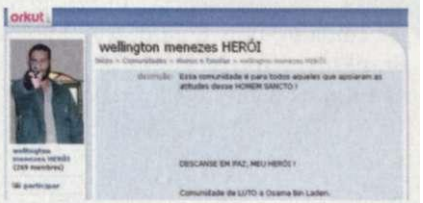


Homicidas admirados

Comunidades brasileiras em sites de relacionamento homenageiam tanto Wellington como Breivik

O "mestre" Anders Breivik

Comunidade criada dois dias depois de o norueguês matar 76 pessoas. O criador do grupo chama Breivik de "Herói" e "Mestre"



O "sancto" Wellington

Com 271 membros, faz elogios ao assassino de Realengo, que é tratado como "nobre guerreiro"

a coragem e meios necessários", diz Imenon Bezerra, de 20 anos, de Belém, Pará. Em sua opinião, Anders é "um homem de coragem, que não quer ver seu país se tornar um Brasil da vida. Cheio de raças, credos e cores, um grande atraso para uma sociedade". O paulistano Christian, de 18 anos, pensa de forma parecida. "Não admiro Anders por ser de extrema direita e neonazista, mas se ele fez isso foi por uma causa que ele luta e, por esse lado, eu o admiro."

O engenheiro Emerson, criador de uma comunidade de adoração a Anders, vai além: prevê um atentado similar a de seu ídolo no Brasil, em breve. "É possível que aconteça, porque é uma bomba-relógio prestes a explodir. Conheço muitos extremistas revoltados com a discriminação que sofremos por não podermos expressar opiniões contra a mistura de raças, contra o feminismo, contra o homossexualismo", afirma. O engenheiro diz que seus avôs eram "alemães e espanhóis" e que o biótipo "loiro de olhos claros" deveria governar o mundo. "Eu viajo muito na minha profissão, fui várias vezes à África e vejo como o subdesenvolvimento lá é absurdo, por causa da miscigenação." Emerson diz ter lido as 1.500 páginas do manifesto de Anders - e defende com veemência as colocações do norueguês sobre o Brasil. No documento, ele faz 12 menções ao Brasil, que descreve como um país de "baixa coesão social" e "condenado ao subdesenvolvimento" por causa da miscigenação.

Até que ponto corremos o risco de a admiração virtual de extremistas se tornar uma adesão real e violenta? "Acho exagero, porque a situação na Europa é mais grave, graças ao grande fluxo de imigração nos últimos anos. No Brasil, somos mais cordiais e convivemos há mais tempo com a miscigenação", afirma Livio Sansone, coordenador de pós-graduação em estudos étnicos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). "Mas loucos existem e aparecem em todo lugar." O problema, na verdade, pode estar aí. Até invadir a escola em Realengo, Wellington era apenas um rapaz tímido e retraído, segundo alguns meio "maluco", onipresente em comunidades radicais do Orkut. Anders Breivik, ex-cidadão "exemplar", nem chegava a isso. "É preocupante o crescimento dessas comunidades nos sites, porque a incitação à violência e a apologia da intolerância potencializam a violência de algumas pessoas, que podem, sim, passar às vias de fato", afirma Rodrigo Nejm, psicólogo e diretor de prevenção da ONG Safernet. A entidade, que coordena a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos em parceria com a Polícia Federal e o Ministério Público Federal, criou um mecanismo que permite a qualquer pessoa denunciar crimes de intolerância na internet. O acompanhamento dessas denúncias, feito desde 2006, mostra que os casos de xenofobia e homofobia se multiplicaram *(leia o quadro na página 100)*. "Esses casos se agravam quando há manifestações púbicas de intolerância", afirma.

"A apologia da intolerância potencializa a violência de algumas pessoas", diz o psicólogo Rodrigo Nejm

Aos poucos o ódio deixa de ser restrito às palavras e passa a pautar ações de violência. Em São Paulo, nos últimos 12 meses, a polícia registrou pelo menos seis ataques a homossexuais, com oito vítimas. Em 2009, uma bomba de fabricação caseira explodiu no Largo do Arouche, no centro de São Paulo, e feriu pelo menos 21 pessoas que haviam participado da Parada Gay paulistana. Só no Estado de São Paulo, a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) investiga 200 integrantes de 25 grupos considerados perigosos. Em maio deste ano, a polícia desmantelou uma das principais quadrilhas neonazistas do país, ▶

Foto: Pablo Jacob/Ag. O Globo

o Neuland. O paulista Ricardo Barollo, de 34 anos, mentor do grupo, foi preso acusado de mandar matar um casal em uma disputa de poder. O Neuland tinha ramificações no território nacional e pretendia eleger vereadores e deputados para "fragmentar a República e fundar um país, de nome 'Neuland' *(Terra Nova, na tradução do alemão)*", na Região Sul e parte do Sudeste.

No Rio de Janeiro, desde que o Departamento para Crimes de Intolerância foi criado, em 2008, o número de denúncias saltou de 30 para 120. Para o delegado Henrique Pessoa, uma manifestação extrema como a de Anders pode incentivar outros atos de violência. "O país tem de ter cuidado, pois quando se pensa em Brasil não se pensa em terrorismo. Mas não somos mais aquela aldeiazinha que ninguém observava", afirma Pessoa. Para lidar com os futuros eventos internacionais, o governo federal decidiu criar a Secretaria Extraordinária de Segurança para Grandes Eventos. Ela ficará encarregada de coordenar os trabalhos de segurança em três acontecimentos específicos: a Rio +20, Conferência das Nações Unidas em Desenvolvimento Sustentável (2012), a Copa das Confederações (2013) e a Copa do Mundo (2014). A previsão é que a secretaria tenha um orçamento de R$ 1,6 bilhão para a compra de equipamentos e capacitação de equipes.

Será preciso mais do que isso. A fiscalização deficiente das fronteiras com países vizinhos cria buracos sem policiamento que permitem a entrada de armas e drogas. A facilidade de conseguir armamento é uma das principais preocupações nos Estados Unidos, onde a tragédia norueguesa trouxe a lembrança do atentado de Oklahoma, em 1995, quando Timothy J. McVeigh usou explosivos para matar 168 pessoas. Analistas que rastreiam atividades de grupos extremistas de direita afirmam que o número de milícias pulou de 149 em 2008 para 824 em 2010. "Aqui os extremistas são muito mais capazes de cometer atos violentos, porque têm acesso a armas e munição", afirma Daryl Johnson, ex-analista de terrorismo do Departamento de Segurança Nacional. No Brasil, onde 6 milhões de armas ilegais circulam livremente, instrumentos para o exercício violento do ódio não faltam. ◆

Com *Marcelo Rocha, Luíza Karam, Hudson Corrêa* e *Eliseu Barreira Junior*

As correntes do ódio

Os polos de incitação à violência que assombram o mundo

QUEM SÃO			
Religiosos	**Xenófobos**	**Homofóbicos**	**Racistas**
Há registros de intolerância religiosa em vários países contra diversas crenças. A face mais aparente é dos fundamentalistas islâmicos, que combatem a civilização ocidental e pregam a guerra santa	Grupos de extrema direita, com larga presença na Europa. Nacionalistas, opõem-se aos imigrantes por vê-los como ameaça aos empregos. No Brasil, skinheads voltam seu ódio contra migrantes nordestinos	Grupos ou indivíduos que realizam ataques contra homossexuais em diferentes partes do mundo, além de disseminar o ódio na internet. No Brasil, essa categoria também inclui os "carecas"	Veem na miscigenação uma ameaça à pureza de sua raça. O alvo mais comum são os negros, especialmente na Europa e nos Estados Unidos. Aqui, os principais grupos são o "White Power" e os "skinheads"
O QUE FIZERAM			
Realizaram várias ações contra governos e civis, de assassinatos de muçulmanos na Índia a ataques contra cristãos no Egito. Os atentados da al-Qaeda em 2001 nos EUA *(foto)*, que tiveram motivos religiosos e políticos, deixaram mais de 3 mil mortos	Os ataques na Noruega *(foto)* visaram ao Partido Trabalhista local, favorável à tolerância a imigrantes. As mesmas ideias motivaram o atentado em Oklahoma (EUA), em 1995, e ataques na Europa contra ciganos e europeus orientais	No Brasil, agressões a homossexuais têm aumentado. Um dos casos mais marcantes ocorreu em 2010. Cinco jovens, quatro deles menores, atacaram um rapaz com lâmpadas na Avenida Paulista, em São Paulo, por acharem que ele fosse gay	Na última década, a Europa registrou vários ataques contra negros em países como Alemanha, Reino Unido e Rússia. Em algumas cidades, como Berlim *(foto)*, tornou-se comum ver grupos neonazistas em passeatas
POR QUE PREOCUPAM			
A continuidade das guerras no Iraque e no Afeganistão, as disputas religiosas na Ásia e na África e a existência de regimes fundamentalistas, como o do Irã, colocam o mundo sob a ameaça constante dos radicais	As crescentes taxas de imigração na Europa e nos EUA e o agravamento da crise econômica favorecem a disseminação de ideias contra o multiculturalismo. Políticos com discursos contra imigrantes ganham espaço na Europa	Quanto mais os países avançam na ampliação dos direitos civis da comunidade gay, como o casamento e a adoção de crianças, maior é o risco de reações violentas de grupos homofóbicos	O movimento de ascensão econômica e social dos negros em países em desenvolvimento e a migração constante de africanos para a Europa são fatores de tensão em regiões com grupos intolerantes

Fonte: Época, São Paulo, n. 689, p. 96-100, 1 ago. 2011.